

Theoria do “Monogénese do Delicto”, de Mariano Patrizi

(Notas de aula)

Toda criminalidade sobre que se fixa o olhar vigilante e aguçado — do antropologo ou do legislador, do philosopho ou do policial — é, diz Patrizi, quasi exclusivamente, criminalidade sentimental, no stricto significado psychologico do adjectivo. O delicto é quasi sempre a falsa via, a estrada prohibida por que se chega á satisfação de uma necessidade (normal ou pathologica) da vida organica e affectiva, e, ao menos intencionalmente, em beneficio seja do individuo, seja do aggregado domestico ou social, seja da especie; é a forma desleal de pelear na eterna, immensa justa em que a humanidade se empenha para conquistar o prazer e para fugir á dôr.

Das tres côres fundamentaes — sentimento, vontade e intelligencia, — iris psychologica”, de que resulta a “coloração” de qualquer alma, a primeira entra na combinação numa quantidade geralmente maior do que a das outras duas, faz predominar a tonalidade propria e, sendo o mais abundante componente, é por isso mesmo o que dá á mistura a maior dose de impureza. A intonação chromatica da enorme maioria dos espiritos é sentimental ou, como tambem se pode chamar, emotiva. Vale dizer: na maioria, as necessidades são de genero affectivo, e é a satisfação dellas o que visam, em maxima parte, os esforços humanos — licitos ou illicitos. Emquanto que a procura do pão e a do amôr se impoem á generalidade dos homens, emquanto que na sua generalidade os homens são escravos das exigencias da vida material, raros são aquelles a quem os reclamos dos sentimentos sociaes, moraes, religiosos, artisticos (normaes ou pervertidos) preocupem com a vivacidade e com a tyrannia de um appetite physiologico.

Para Patrizi, a delinquencia toda tem uma natureza unica: — atavica; e um mechanismo unico: — a reacção a uma necessidade organisada da vida affectiva, o reflexo fatal de um sentimento, seja este o vil sentimento visceral que é a fome, seja o excelso delirio que se faz necessidade, qual, por exemplo, a avidez esthetica de um intellectual que furta de uma bibliotheca um codice que contém uma riqueza nas illuminuras, ou que rouba de um museu uma “Gioconda”, seja a “libidinagem de experimentação” que imperiosamente coage um homem de sciencia a innocular o germen de uma molestia num cliente como no “Novo Idolo”, de De Curel, ou seja a aspiração politica do anarchista que, á dynamite, dizima multidões de homens, por amor dos homens. . . .

Patrizi funda a sua theoria em dados da physiologia.

Soccorre-se para isso, primeiro, do schema com que a physiologia representa os periodos e a successão de uma reacção motriz simples, ou seja de um elementar movimento reflexo. — E’ este o schema: um campo de receptividade (“esphera receptiva” ou “sensitiva”) sobre o qual cahem as differentes expressões (mechnica, chimica, thermica, luminosa, electrica) da força universal, — uma “corrente afferente” que a conduz aos centros de “elaboração” e de “transformação” (cerebro e cerebello), — uma “onda effeferente” que vae ao “campo ou esphera de reacção” (“esphera motriz ou reactiva”).

A esse schema elle associa depois aquell’outro de que a psychologia evolucionista e experimental se serve para synthetisar o arco reflexo de uma operação voluntaria, a retrosцена funcional de uma acção humana.

Aqui, no campo dos estímulos, na esphera de partida, a energia inicial é representada pelos sentimentos e, na maxima parte, por aquelles sentimentos nutritivos e vegetativos que são menos nobres, mas essenciaes para conservação do individuo e da especie.

Este segundo schema tenciona mostrar como a architectura psychica do homem social e normal resulta de dois planos sobre-postos: um, plano ou strato inferior, cuja simplicidade, antiguidade, solidez, e resistencia são profundas, *stratto paleo psychico*; e um plano ou strato superior, de menos archaica construcção, *stratto neo psychico*, mais complexo, mais instavel mais susceptivel de caducar.

A’quelle, ao strato ou plano psychico inferior, a funcção affectiva, sentimental, emocional e impulsiva, . . . a *vida psychica menor*. Ao plano ou strato superior, a funcção do pen-

samento, da volição, da inibição, — *a vida psychica maior*. Em baixo a curva via que a acção insocial ou criminal percorre; no alto, a via longa, batida pela acção normal.

Mas, o que principalmente se põe em resalto no segundo schema é que *a base organica da nossa psyché é uma instituição do mais absoluto egoismo* — conclusão que é, aliás, a de Le Dantec, na sua conhecida obra sobre o *Egoismo como fundamento de todas as sociedades*.

Os moveis das acções humanas estão principalmente, quasi se poderia dizer, — exclusivamente, — no sentimento do bem estar proprio. Não se nega, com isto, o sentimento de sympathia pelos nossos semelhantes, o sentimento moral, civil, social. Quer-se com isto, affirmar, sim, que o sentimento de bem estar proprio, o sentimento egoistico, está profundamente organizado, é por bem dizer, intrinseco com a nossa estrutura e com as nossas funcções, impregna-se da sensibilidade fundamental da nossa existencia, ou seja daquillo que se chama “cinesthesico.” Ora, dizer “ethico” é dizer quasi o contrario de “cinesthesico”, e não é injustificado collocar-se a esphera do sentimento altruistico no alto entre as acquisições menos antigas, com um conteúdo mais cognitivo do que affectivo, mais cerebral do que organico, — especie de cupula ou de coroamento dos edificios, que é a ultima cousa a ser collocada nestes e tambem a que, primeiro, vôa longe, na hora das tormentas.

Na esphera affectiva organisada (“paleo psychismo”) devem ser incluídos o sentimento esthetico e o sentimento religioso, apesar de terem ambos, no seu desenvolvimento, muito de intellectual, áquelle, pela sua relação, dir-se-á, melhor, pela sua dependencia com os phenomenos somaticos (anatomos — psychiologicos) ligado que é directamente aos sentidos e aos órgãos, e o sentimento religioso — pela sua conexão com a “emoção defensiva” que é “o medo”. Ahi nesse strato inferior, porém, não é possível comprehender o senso moral, o sentimento ethico e altruistico, que não tem correspondencia com a estrutura e as funcções do corpo e se acha mais em opposição do que em alliança com a conservação individual.

O senso moral é, no dominio sentimental, o que é o ler e escrever, no dominio logico: um aperfeiçoamento, um processo valiosissimo pelo qual até se especializam algumas zonas sensorio — motrizes do cerebro, sendo, entretanto, o que de menos organizado se possa imaginar e de mais instavel na incerta condição de integridade nervosa, quanto de

mais artificioso se haja juntado e contra posto á indole originaria.

Indo da conformação á funcção, da anatomia á physiologia, faz-se-nos innegavel não existir um órgão qualquer que seja, representativo de uma relação sympathica de homem a homem, "*orgão*", devemos dizer bem sublinhado, e não outro meio immaterial de comunicação, que, senão, cahimos na investigação sobre o homem social — e já aqui perderemos de vista o homem tal qual a natureza o creou.

E' Patrizi quem fala ainda. Elle faz notar que o mesmo amor materno é dos amôres todos o mais forte, porque elle se enseja numa consideração de ordem organica, no liame organico que por tanto tempo une o producto á genetriz a qual, com muito maior razão do que o progenitor, pode chamar o filho: "meu sangue, minha carne, viscera minha".

E si tudo em nosso organismo serve para fazer com que sintamos o sexo eterógamo e a continuação de nós mesmos, nada ha em nosso organismo para sentirmos o visinho e a solidariedade collateral. Indicae-me, diz Patrizi, como num desafio, indicae-me uma porção só que seja do apparelho sensitivo ou uma forma de sensibilidade que se adapte a sentir concretamente (não ababstractamente) o prazer ou a dôr alheia. Dois órgãos, diz elle, poderiam ser tomados como das relações inter-individuaes — os dentes e as unhas. Mas unhas e dentes são a arma antiga feita, não para o amor, mas para a guerra com o proximo. As mãos — apresentadas como symbolo da solidariedade — como os innumerados aneis da social cadeia que um poeta humanitario ideou e que serviria para fazer mais efficiente a resistencia aos impetus de um inimigo commum, as mãos consideradas na sua conformação e na grande força de contracção e de pressão dos seus musculos flexores, as mãos bem mais parecem ter sido feitas para brandir uma clava e para servir como instrumento de lucta e de ataque.

E passando da morphologia do organismo humano ao seu dynamismo, verificar-se-á que os sentimentos, as emoções, as paixões mais solidamente organisadas, mais estruturadas, são as que servem á defesa propria e á offensa contra outrem.

Taes são o medo, a colera, o odio.

Não se treme de medo unicamente deante de imponentes phenomenos naturaes — ou deante de creaturas extraordinarias e ferozes — não se tem medo só do terremoto, do raio ou das feras. Treme-se de medo tambem do pequeno mortal nosso semelhante e nosso proximo; Bain affirma que a origem

do temor do menino em face do adulto, filia-se á vaga recordação hereditaria de todo o mal que o homem tem recebido do homem.

Todas estas emoções — medo, colera, odio, se acompanham de bem conhecidos factos de ordem funccional.

Que cousa representa toda a symptomatologia da colera senão a “*unha psychica*” para aterrorisar o competidor?

Herbert Spencer, nos seus “Principios de Psychologia”, escreve, a respeito da natureza regressiva da colera: “Os plexus coordenadores da actividade defensiva e destructiva, nos quaes têm séde os sentimentos simultaneos do antagonismo e da colera, constituem uma herança dos seres anteriores e são por consequencia bem organizados e tanto que mesmo a creança de peito já os mostra em acção. Ao contrario, os plexus que adaptam a conducta a uma grande variedade de exigencias externas, são menos desenvolvidos e se constituem de canaes muito menos percorridos. Em consequencia disto, quando o systema nervoso não se acha em plena integridade, os aparelhamentos de construcção mais recente e mais elevada são os primeiros a mostrar os defeitos de funcionamento”.

E Patrizi busca ainda amparo para sua these nos dados da psychologia experimental, com auxilio dos quaes demonstra que as reacções vasos motrizes se mostram muitissimo mais promptas e mais vivas aos estímulos dos sentimentos egoisticos do que aos de ordem mais elevada, como se vê deste quadro:

“Reacções vaso motrizes, como indice da maior ou menor organização da sensibilidade e dos sentimentos:

Senso interno ou cinesthesico (dôr e prazer) — effeito maximo sobre os vasos; gosto, olfacto, tacto, — effeito medio; ouvido, vista — effeito menor sobre os vasos. Emoções comuns (amor, medo, colera, odio) — reacção vaso motriz maxima — Emoções estheticas — reacção menor; — sentimento moral, civil, social — reacção minima”.

Reconhecida, essa constituição organica, as predisposições estruturales e a vocação psycho-physiologica para a imperiosa satisfação das necessidades, dos appetites, dos sentimentos individuaes e para a concurrencia hostil e bellicosa, em visivel preponderancia sobre a satisfação das necessidades, dos desejos, da affectividade altruistica; admittindo o character predominante daquelles sentimentos de antagonismo e de lucta (colera, odio, vingança) com cuja ascensão e com cuja capacidade impulsiva e obsediante se relacionam os crimes da emoção e da paixão, assim se evanece a distincção

substancial entre os dois extremos da escala criminosa — “o delinquente atavico” ou “delinquente nato” e “o delinquente passional e emotivo” confinante do homem honesto. O mechanismo do crime, tanto n’um como n’outro se processa por intermedio daquella organização archaica e baixa que serve á satisfação de uma necessidade ou de um desejo, pela via breve e immediata do sentimento á impulsão, sem transitar pela via mediata, pelo alto, longo e recente arco onde se suppõe a séde do senso moral, do raciocinio, da inibição. Tanto o primeiro como o segundo, isto é, tanto o “delinquente atavico” como o “delinquente passional e emotivo”, estão egualmente *orientados* para o passado. Não ha entre um e outro senão uma differença de grau e de frequencia. O criminoso nato, pela parada evolutiva no corpo e no psychismo, é em regra conduzido a se utilizar dos plexus inferiores, emquanto que o dominado pela paixão ou pela emoção só accidentalmente e excepcionalmente passa pela via curta, especie de atalho que leva á realização dos actos impulsivos. Aquelle é um enfermo grave, chronico, incuravel, este, um affectado de molestia aguda, com crises mais ou menos raras, e curavel. Mas ambos soffrem da mesma molestia.

E pois que os dois typos terminaes, extremos da serie delictuosa se afiliam a uma origem commum (a substituição da vida psychica inferior á vida psychica superior e social), facil é ligarem-se ao mesmo ponto de partida as figuras intermediarias dos criminosos. Assim: o “louco moral” é “o idiota do sentimento altruistico colectivo”, sem possibilidade de o apprehender nunca mais; o chamado “delinquente primitivo” teria podido aprendel-o, si fosse educado numa sociedade civil, e pode representar o “analfabeto do senso ethico”; o “delinquente de habito” e o “de occasião”, de Ferri, são aquelles nos quaes as faculdades correctoras e moderadoras, de muito recente organização, funcçionam de modo imperfeito; “o delinquente epileptico” é aquelle em quem a falta da esphera inhibitoria e as lesões dos sentimentos mais progressivos favorecem a exclusiva utilização do arco inferior (“curto circuito” como o chamou Leonardo Bianchi) — de formação “paleo-psychica”.

Assim entendido, o conceito de delinquencia congenita se confirma e se amplia.

As conclusões de que todo delicto é de delinquente nato; de que a insensibilidade por outrem, o egoismo, a predesinação para o crime é fatalmente organizada; de que de muito menor fundamento organico é a honestidade; estas conclusões todas — que não se acceitam sem tristeza — servem

a convencer-nos de que nos devemos inclinar á caridade para com os dominados pelo paleo-psychismo, pelo “demonio organico”, como o chama Patrizi, mas caridade que se não faça incompativel com a mais efficiente defesa social.

Assim exposta, no principal do seu contexto, a theoria de Patrizi sobre a “monogénese do delicto”, direi agora como a interpreto e em que medida a acceito.

Acho que a theoria é verdadeira emquanto ao mechanismo da acção delictuosa. Penso que o delicto, como forma que é de inadaptação do individuo ao meio, é, sem duvida, função da preponderancia do “paleo-psychismo” sobre o “neo-psychismo”.

Uma primeira distincção é, porém, necessario que se faça, e essa entre o delicto — forma de inadaptação ao meio social e o delicto artificial ou delicto puramente legal, creado exclusivamente pelo legislador, ás vezes num flagrante conflicto com as concepções moraes dominantes. Claro que sómente em relação ao delicto verdadeiro e não em relação ao delicto criação — artificiosa e tantas vezes tendenciosa e tantas vezes (porque não dizel-o?) criminosa — do legislador, — se ajusta a theoria de Patrizi..

Em segundo logar, creio que a predominancia do psychismo antigo sobre o neo psychismo nem sempre é de nascença. Penso que essa preponderancia pode ser adquirida. Os estudos de Vironi sobre as relações da endocrinologia com a delinquencia mostram quanto os disturbios no funcionamento das glandulas de secreção interna influem sobre o psychismo. Quero com isto dizer que para mim a preponderancia do psychismo atavico pode ser de origem, pode ser de nascença, e haverá, pois, individuos predestinados para o crime desde a gestação, mas que nem todos os criminosos o sejam por predestinação, nem todos os criminosos o sejam de nascença, — e isto porque pode-se nascer perfeitamente apto a possuir o equilibrio psychico, — e chegar-se mesmo a possuil-o, e só muito mais tarde vir-se a perder esse equilibrio.

Assim para mim, nem todo criminoso (de crime real, não de crime artificialmente creado pelo legislador) é criminoso nato, e isto porque, penso, a preponderancia do paleo psychismo se nalguns é devida á incapacidade congenita de vir a possuir o neo psychismo, noutros será, apenas, a resultante de um disturbio, ou de um retrocesso, de uma decadencia, de um descahimento psychico. Existe o “criminoso nato”, mas nem todo criminoso é “criminoso nato”.

Finalmente, — e esta conclusão já se continha implicita na critica que venho fazendo, — finalmente, não creio que

o delinquente esteja sempre previa e fatalmente condemnado a delinquir. Salvos aquelles casos de incapacidade organica, congenita para possuir o neo psychismo, casos nos quaes, por força dessa inadaptabilidade estructural, a adpção do psychismo á vida social não se dará, salvos esses casos, creio que não ha uma predestinação, mas uma simples predisposição á criminalidade, e desta poderá o individuo ser desviado ou pela educação ou pela reeducação e pelos meios de que a medicina dispõe para combater a causa dos disturbios e das decadencias psychicas.

Entretanto que fique á theoria de Patrizi apenas o merito de theoria explicativa do mechanismo psychico da criminalidade, e grande ainda será o seu valor, valiosissimo o cabedal com que concorre para construcção da Criminologia e da Sciencia Penitenciaria.

Por um lado, precisando o “fit” do delicto, o seu dynamismo psychologico, filiando-o sempre ao “sentimento” (“sentimento” no restricto sentido psychologico de *“affectos elementares relacionados com as necessidades mais essenciaes da conservação do individuo e da especie”*), filiando-o sempre ao “sentimento”, a theoria de Patrizi facilita a classificação dos criminosos, organizando-a segundo as origens das desordens sentimentaes e, pois, indicará desde logo como acudir a essas desordens, — e para os que hajam nascido organicamente incapazes para a vida social indicará a segregação, — para os que hajam adquirido tal incapacidade indicará os meios de della se libertarem.

Por outra parte, filiando o crime a esse “paleo psychismo” que é commum a todos os homens com a differença apenas de que nuns é elle corrigido, moderado, refreiado pelo neo psychismo, e noutros este ou nunca existiu ou veio a decahir longa ou momentaneamente, — filiando o crime a esse paleo psychismo commum a todos nós, homens, longe de nos diferenciarmos essencialmente dos delinquentes, reconhecemos-emos irmãos nossos, desventurados e, por isto mesmo, dignos de serem por nós vistos com olhares compassivos e piedosos, e assim temperaremos sempre de uma consciante caridade para com o delinquente a repressão e a prevenção do delicto.

MAGALHÃES DRUMMOND
(*Professor de Direito Penal*).